

Relojeiros: análise de uma profissão em dois tempos*

Relojeros: análisis de una profesión en dos tiempos

**Beatriz Ana Loner
Lorena Almeida Gill**

Resumo: Neste artigo procura-se abordar dois momentos diferentes da atividade dos chamados artistas no passado. A mudança do título enseja, mais do que uma modificação nominal, uma transformação no *status* da profissão, que passou de uma ocupação regular e importante no mercado de trabalho, para um saber de raros e idosos profissionais, com pouca importância econômica no mercado. O fio condutor do texto será o ofício de relojoeiro, aquele que se encarregava em fabricar e consertar pequenos e grandes mecanismos de contagem do tempo ou as engrenagens de outros complicados instrumentos de precisão. Duas metodologias principais são utilizadas no artigo: a pesquisa documental em jornais e a história oral temática.

Palavras chave: Relojeiros. Relógios. Ofícios em extinção. Brasil.

Resumen: Este artículo pretende abordar dos momentos diferentes de la actividad de los llamados artistas del pasado. Cambiar el título implica, más que una modificación nominal, una transformación en el estatus de la profesión, que pasó de una ocupación regular e importante en el mercado de trabajo, para un saber de raros y antiguos profesionales, con poca importancia económica en el mercado. El hilo conductor del texto será el oficio de relojero, aquel que estaba a cargo de fabricar o concertar pequeños y grandes mecanismos de contar el tiempo o las engranajes de otros complicados instrumentos de precisión. Dos metodologías principales son utilizadas en el artículo: la investigación documental en periódicos y la historia oral y temática.

Palabras claves: Relojeros. Relojes. Oficio en extinción. Brasil.

Hoje em dia a atividade dos relojoeiros está praticamente restrita a consertos de alguns relógios, cada vez mais raros, pois poucos aparelhos ainda merecem esse dispêndio de energia humana; ou a restauração de algum dos antigos mecanismos que contam mais como objetos de antiquários, artigos de luxo, do que pelo seu valor de uso.

A intenção é a de se trabalhar com dois momentos distintos dessa profissão: o primeiro será aquele da difusão do relógio mecânico no Brasil, junto com a transformação provocada pelas mudanças nas relações de produção acontecidas por volta do final do século XIX, com a abolição da escravidão, o desenvolvimento do mercado de trabalho livre e do capitalismo industrial, com a vinda dos imigrantes europeus e uma imensa e rápida alteração nas formas de trabalho no Brasil.

* Texto originalmente publicado em: LONER, Beatriz Ana; GILL, L. A. **Relojeiros**: análise de uma profissão em dois tempos. **Revista Taller**, v. 3, p. 38-55, 2014.

A segunda será pouco mais de cem anos depois, quando a aceleração da inovação se faz cada vez mais forte, especialmente com a revolução tecnológica, tornando obsoleta essa e outras formas artesanais de produção de mercadorias.

A nova tecnologia digital permite colocar mecanismos de contagem dos minutos e dos segundos em uma dezena de objetos, muitos dos quais não têm por função primeira mostrar o tempo, servindo a *função relógio* apenas como adorno ou mais uma utilidade.

Cada residência pode ter de oito a dez relógios; alguns servem como objetos decorativos, outros como itens de aparelhos construídos para fins diversos. Entre algumas vantagens, em comparação com os antigos, estes novos mecanismos não param, não precisam que se dê corda, não fazem barulho e são muito precisos, além de baratos. Obviamente, com esta série de facilidades, o mercado para relógios caros e tradicionais diminuiu e eles se tornaram objetos do passado. E quem os conserta parece também já fazer parte deste passado.

Todavia, estes profissionais ainda guardam características da profissão exercida anteriormente, como o grande tempo de aprendizagem utilizado, a extrema habilidade manual e a acuidade visual para tratar de pequenas peças.

Ao que parece, mesmo na etapa mais florescente de sua profissão, muito do seu fazer estava confinado a consertos de relógios, pelo menos no Estado gaúcho, já que uma busca pelos anúncios de relojarias e oficinas de relojoeiros, através de jornais diários, consolidou a ideia de que não se fabricavam relógios no estado do Rio Grande do Sul, ao final do Império e início da República, pois todos os anúncios salientam o fato da proveniência estrangeira destas mercadorias, aparecendo como origem, em primeiro lugar, a Europa, com a Suíça e Alemanha, ou os EUA.

Entretanto, talvez não seja esta a realidade de todo o país. Para o Rio de Janeiro (RJ), uma breve pesquisa no jornal *O País*, um dos mais importantes do final do Império e da Primeira República, trouxe resultados diferenciados. Naquele jornal também só apareceram anúncios de lojas de venda e conserto de relógios, mas, na maioria dos casos, o foco recaía sobre seu preço e não sua procedência, a qual não era explicitada, o que pode dar a entender que houvesse uma produção nacional, embora pequena.

Quanto aos que apregoavam a venda de produtos estrangeiros, a principal loja, na década de 1880, era a “Horlogerie de la BOURSE”, que se faz presente desde 1884 no RJ, início do jornal, com grandes anúncios, marcados por um desenho de um anjo portando uma foice, o qual forçava o mostrador de um relógio a andar. Estes anúncios enfatizavam o fato que era um “estabelecimento de primeira ordem”, a “única agência da relojoaria dos fabricantes A. Lange e filhos (de Glashutte)”. Seguia-se, ao lado, o nome do proprietário F. Krussmann¹. Os vendedores costumavam destacar o local de procedência de seus produtos, quase que como sinônimo de excelência de fabricação. Contudo, ao lado destes anúncios, aparecem afirmações surpreendentes, como a venda de mercadorias que primavam mais pela aparência do que pela essência, para falar em termos eufemísticos. Um anúncio veiculado em 1886 descreve vários objetos a venda e seus preços. Dentre eles, estão:

[...] relógios americanos para parede, dando horas, corda para oito dias, 15\$ para cima. As belas pêndulas alemãs, verdadeiros reguladores, para cavalheiros de gosto 40\$ a 80\$000. Outras, *imitação* das mesmas, com as quais parecem-se *por fora* 25\$ a 40\$000 [...] ²

Está-se frente a um caso em que o próprio estabelecimento anunciava vender mercadoria de imitação, falsa, pela metade do preço da verdadeira. A imitação, fica claro, dizia respeito ao exterior, à caixa e demais adereços do relógio, então infere-se que as engrenagens do mecanismo não eram de “qualidade superior”.

A propaganda mais comum e elaborada dessa loja pormenorizava diversos itens. Iniciava dizendo importar relógios de precisão “franceses, suíços, ingleses, americanos e alemães, das mais acreditadas fábricas” e informava que seus relógios tinham “certificado de sua origem, para garantia dos senhores compradores”. Também evidenciava possuir “grande sortimento de relógios dos primeiros fabricantes de Genéve, os senhores I. M. Badellet e Co., Pateck Philipe e Co.”, e anunciava que recebera “pelos últimos vapores,

¹ O País, Rio de Janeiro, 3/8/1884, p. 4. Disponível no site da Biblioteca Nacional. <http://hemerotecadigital.bn.br/> Acesso em 24 de fevereiro de 2014. Glashutte é uma cidade na Saxônia, Alemanha, cujos habitantes eram hábeis relojoeiros, destacando-se a firma A. Lange & Shöne, fundada em 1845. Fonte: http://de.wikipedia.org/wiki/Glashutte_Uhrenbetrieb, acessada em 28/3/2014.

² O País, 02/05/1886, p. 4. Sublinhado no anúncio original.

grande sortimento de relógios de prata, ouro e níquel e bonito sortimento de correntes de ouro, prata e plaquê de diversos gostos modernos”. Segundo o material informativo, nem sequer as correntes para os relógios de bolso eram fabricadas no Brasil e apenas os consertos eram aqui realizados, “pelos mais hábeis oficiais desta corte, sob a inspeção do chefe da casa” que, presume-se, era estrangeiro, a julgar pelo nome³.

Este anúncio é de 1890, e não deve passar despercebido que a loja promete conceder “certificado de origem” às suas mercadorias. O que está por trás desta medida é uma polêmica que se instalou sobre a pretensa origem estrangeira dos produtos de outra loja, a qual também anunciava no mesmo jornal. Para entendê-la, é necessário ver o que foi encontrado na seção *Pedidos*, uma semana antes, dia 5 de janeiro:

Relógios de precisão

“muita parra e pouca uva” Adágio popular

O público em geral deve estar prevenido contra as pretensões descabidas que figuram em *puffs* de casas de relojoaria, as quais apregoam relógios de precisão, como precedentes de sua pretendida fábrica de Genéve. Prudência, cidadãos e não se deixem embair por falsos *reclames*. Os tais possuidores de fábricas em Genéve devem pregar a outra população menos adiantada que a nossa. Qual o título que eles apresentam provando a existência de tais fábricas por eles montadas? É forçoso que apareça o documento para que não sejam acoimados de Pomadistas⁴.

Pesquisando no ano anterior, viu-se que, a partir de agosto, apareceu outro anúncio de uma relojoaria, a qual não só dizia trabalhar com produtos importados, como afirmava ter fábrica em Genéve, de onde viriam “incomparáveis relógios de precisão”, por meio de um novo sócio. Poucos dias depois, houve grande propaganda de uma liquidação a “preços baratíssimos” destes fabulosos relógios, porque o prédio em que estava situado o estabelecimento iria passar por uma reforma geral.

A repetição desse anúncio, no final daquele ano, parece ter causado impacto na clientela de profissionais do Rio de Janeiro ou em uma parcela deles. Ainda em outubro de 1889, aparece, como se fosse um anúncio, uma proclamação encimada por “relojoeiros” em letras garrafais, anônima e que não

³ O País, Rio de Janeiro, 12/01/1890, p. 4. O estabelecimento pertencia a Krussmann e filhos.

⁴ O País, idem, dia 5/01/1890, p. 2, coluna 7. Pomadista era um termo muito empregado na época e tem o sentido de mentiroso, pedante, vaidoso.

promovia nenhum produto. O anúncio tomava a forma de trechos de uma carta, pretensamente enviada a alguém no Brasil, por pessoa estabelecida na Suíça com negócio de relógios, o qual procurava desmascarar a suposta existência desta fábrica em Gênêve, da qual seriam proprietários pessoas com relojoaria no Rio, através da listagem de todas as fábricas reconhecidas pelo “Bureau Federal de Berne”. Esta contrapropaganda foi veiculada outra vez⁵ e, então, não aparecem outros anúncios naquele ano.

Se alguns relojoeiros acharam por bem desmascarar um competidor, isso leva a crer que os próprios clientes não conseguiam ver a diferença entre um produto importado da Suíça e aquele de outra procedência. De novo pode-se pensar que, se a fábrica não existia, de onde viriam os “relógios suíços” ? Se fossem suíços de outra procedência, não valeria a pena colocar a origem verdadeira? Ou seriam nacionais disfarçados de importados?

Como o objetivo deste artigo não é aprofundar a discussão sobre o mercado de fabricação de relógios no Brasil, retoma-se a discussão sobre o trabalho e o *status* da profissão de relojoeiro e as diferenças em seu exercício no Rio Grande do Sul, observados em um período de uma centena de anos.

A necessidade de contar a passagem do tempo

Edward Thompson (2002)⁶ em um de seus textos intitulado “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial” aborda as modificações na medição do tempo. Segundo o autor, para os povos primitivos o relacionamento com a natureza era fundamental e desse fato vinha também a contagem das estações, semanas, meses e até dias.

Em todas as culturas, a forma de contagem de períodos de tempo que pudesse significar algo para o interlocutor variou significativamente. O autor apresenta algumas medidas utilizadas em diferentes locais: o tempo do cozimento do arroz (meia hora), o período para assar um milho (quinze minutos) ou ainda o fritar de um gafanhoto (um momento).

⁵ O País, 13 de outubro de 1889, p. 6 e 5/11/1889.

⁶ THOMPSON, Edward. *Costumes em comum*: Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Durante os séculos da colonização portuguesa no Brasil, o dia se dividia nas medidas tradicionais de manhã, tarde e noite. Os poucos cronistas e alguma legislação municipal que restou, dão conta de um dia de trabalho marcado pelo despertar com a aurora, o que podia variar segundo a região e a estação do ano, com o encerramento das atividades ao ar livre, à “tardinha”, ao pôr do sol. Numa sociedade rural, os ritmos de trabalho eram marcados pelas necessidades das plantações e do cuidado com os animais, o que conformava uma rotina não tão evidenciada pelas horas e minutos, mas sim em dias e meses. E havia, também, tempos políticos sociais e tempos religiosos, que marcavam a passagem de um ano.

Para as vilas e cidades, o badalar dos sinos das igrejas podia significar o começo ou o encerramento das atividades, embora várias delas, como o cuidado com animais e as tarefas domésticas costumassem começar mais cedo. Em pleno século XIX, nas manufaturas e indústrias, a luz solar era o critério básico para a medição da jornada de trabalho e valia para quase todos os ambientes, marcando, inclusive, a arquitetura das fábricas. Mais tarde, com a melhoria dos equipamentos de iluminação, a jornada passou a ser medida em horas, não se vinculando às estações do ano.

Esta foi uma das razões que levaram os trabalhadores a se organizarem para lutar por jornadas equânimes de trabalho sem distinção de estações, bem como pela implantação da jornada de 8 horas de trabalho, esta última uma consigna mundial das classes trabalhadoras⁷. No Estado gaúcho, tal demanda redundou na greve geral de Porto Alegre em 1906, pelo estabelecimento de 8 horas de trabalho, bem como foi responsável pela existência de um movimento de reivindicação junto às municipalidades, nos anos de 1911 a 1913⁸.

Todavia, antes ainda dos trabalhadores, os empresários já tinham percebido o papel essencial do fator tempo para o aumento do lucro das indústrias.

Se a jornada de trabalho foi diminuída progressivamente, outras práticas se mantiveram, algumas delas humilhantes, como a regulação da quantidade de vezes e do tempo que os empregados poderiam utilizar o banheiro. O

⁷ PERROT, Michele. *Os excluídos da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁸ Para Porto Alegre: SCHMIDT, Benito. *De mármore e de flores: a primeira greve geral do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005 e LONER, Beatriz. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande*. Pelotas: EdUFPel, 2001.

avançar da industrialização e da modernização dos costumes brasileiros nos moldes europeus ao final do século XIX, veio também contribuir para que surgisse a necessidade de saber a hora exata, e, mais do que a hora, valorizar os minutos.

Com isso, houve a necessidade de se ter um mecanismo eficiente de contagem do tempo, como o relógio mecânico e individualizado: “Um relógio não era apenas útil; conferia prestígio ao seu dono, e um homem podia se dispor a fazer economia para comprar um” (THOMPSON, 2002, p. 279). Isso porque, desde seus primeiros modelos, os relógios individuais tinham a função primordial de conferir *status* a seus possuidores.

Os primeiros relógios domésticos surgiram no século XIV na Europa e sua difusão para residências luxuosas, data de 1600. Na Europa, desde os séculos XVII e XVIII, relógios poderiam se constituir em verdadeiras obras de arte. Fosse em residências ou acompanhando seus donos, em pulsos femininos e masculinos, ou em bolsos, relógios faziam parte da indumentária e do mobiliário dos ricos e elegantes no século XIX e suas engrenagens mecânicas tinham que ser cuidadosamente ajustadas e limpas; enfim, eram tratados como tesouros familiares⁹.

Embora não fosse um artigo popular, passou a ser, pouco a pouco, incorporado como uma necessidade do trabalhador, com a finalidade de se organizar para uma rotina de trabalho mais rígida, em que se precisava de um equipamento desse tipo para saber quando levantar, comer, descansar, dormir.

Para fabricar e ajustar os mecanismos que contavam estas horas, houve a evolução de uma carreira profissional, já existente antes, mas voltada para um pequeno público e que, nesse momento, se ampliou bastante: a do relojoeiro, o profissional especializado na fabricação, conserto e reparos dos mecanismos.

Suas oficinas eram pequenas, trabalhavam sozinhos ou com poucos ajudantes e se destacavam entre os demais artesãos, pelo *status* um pouco mais elevado, visto a relativa nobreza de seu ofício, que buscavam passar de pai para filho.

⁹ Os relógios e sua evolução. Site do Observatório Astronômico Nacional pcdsh01.on.br/histrellog1.htm. Acesso no dia 28/06/2013.

Embora uma profissão manual, suas especificidades, através do manejo de ferramentas delicadas em objetos ainda mais leves, faziam de suas obras verdadeiras artes, de modo que essa profissão, ao lado da ourivesaria, estava um degrau acima das demais, pela manipulação de instrumentos delicados e pelos graus de conhecimento técnico exigido.

Até meados do século passado, o relojoeiro tinha um ofício muito parecido com aquele do ourives e, às vezes, as duas práticas poderiam ser realizadas pelo mesmo profissional, pois ambas são profissões que necessitam de muita competência e habilidade manual em lidar com engrenagens e peças pequenas, normalmente de alto valor. No passado, era ainda mais frequente que um relógio recebesse incrustações de pedras preciosas ou tivesse seu acabamento em metais nobres, como ouro e prata. Muitas lojas, inclusive, costumavam oferecer os dois serviços ao mesmo tempo, como meio de reforçar e garantir sua clientela.

Contudo, enquanto as funções de ourives e de joalheiro se mantiveram no mesmo *status* no último século, a arte da fabricação de relógios foi uma das que mais sofreu com as transformações no mundo do trabalho e, conseqüentemente, o ofício de relojoeiro foi atingido duramente. O avanço técnico não alterou apenas os instrumentos, o estilo e o desenho dos relógios no século XX, mas modificou radicalmente seus mecanismos internos, ao mesmo tempo em que barateou incessantemente sua produção. O resultado é que hoje são poucos os relógios feitos artesanalmente ou que valem um conserto, pois a maioria tornou-se parte integrante das mercadorias descartáveis.

O tempo do artista

Não foi por acaso que Machado de Assis escreveu uma série de crônicas, intituladas “Bons Dias”¹⁰, anunciando-as como reflexões de um relojoeiro já descrente do seu ofício. Machado necessitava usar de ironia para apresentar suas contribuições semanais à interpretação do país e a figura do relojoeiro cabia muito bem a seus desejos, pois, decididamente, o Brasil não andava como um relógio ajustado, nem a política seguia a perspectiva

¹⁰ ASSIS, Machado. *Bons Dias*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

cartesiana, mas sim uma lógica própria, de difícil compreensão ao pobre relojoeiro acostumado a pensar racionalmente. A similitude entre um relógio acabado e a obra política se dava apenas no fato de que ambos tinham engrenagens bem azeitadas, escondidas e responsáveis pelo funcionamento dos seus mecanismos.

Machado criou um relojoeiro politizado, alguém como outros artesãos e trabalhadores do final do século XIX que se interessava por política. Era um trabalhador que, distante do que parte da historiografia brasileira propõe, seguia atentamente os fatos políticos e tinha sua opinião sobre as manobras e artifícios de políticos e governantes, que averiguava cotidianamente pelos jornais.

Pesquisas já constatarem o interesse político despertado entre os artistas e outros trabalhadores, inclusive empresários, no período que vai do final da monarquia até a consolidação do predomínio das oligarquias no controle do estado, na Primeira República¹¹. Naquele breve interregno, finalizado basicamente pelos episódios da guerra civil gaúcha e da Revolta da Armada, os trabalhadores se organizaram e tentaram, na medida do possível, participar da vida política da nação, organizando associações e buscando formar partidos políticos. Não deu certo, se sabe, e o republicanismo estaria longe de ser a panaceia que se acreditava para os males da nação e não houve espaços posteriores para a participação popular, mas, nem por isso, essa conjuntura especial deixou de sinalizar a disposição e a vontade de participação como cidadãos na vida política brasileira por parte daqueles que se consideravam representantes do trabalho.

Houve membros dessa profissão em quase todos os quadrantes do ideário político nos anos iniciais da República. Para o estado gaúcho, Leopoldo Masson foi um dos mais bem sucedidos neste ramo na capital. Um dos filhos de seu sócio e continuador da Casa Masson, Frederico Reynaldo Geyer, era

¹¹ Remete-se, entre outros, a Batalha, Cláudio. Nós, filhos da Revolução Francesa: a imagem da Revolução no movimento operário brasileiro no início do século XX. *Revista Brasileira de História*, v. 10, n. 20, março de 1991, p. 223-250; Gomes, Angela. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988; LONER, Beatriz. *Classe operária: mobilização e organização em Pelotas, 1888-1937*. Porto Alegre, IFCH, UFRGS, 1999. **Tese** (Doutorado em Sociologia).

médico e simpatizante do anarquismo. Segundo Marçal, ele providenciou local para fabricação de bombas que foram utilizadas na greve de 1917¹².

Em Pelotas, Joaquim da Cunha Leite e Carlos Natorf eram representantes da categoria dos relojoeiros na formação do Congresso Operário, órgão do qual se originou a Liga Operária daquela cidade em 1890.

Contudo, o fato de formarem uma categoria profissional selecionada pela alta especialização e o muito tempo de preparação para o exercício do ofício, conspiravam contra uma participação mais ativa na política, embora não quanto ao exercício do voto e outras manifestações mais formais.

Quanto aos negócios, no Rio Grande do Sul havia relojoarias maiores e várias pequenas oficinas de relojoeiros nas principais cidades, nas décadas finais do Império. Na verdade, aquele era um momento de expansão da relojoaria, tanto provocado por uma classe média crescente, quanto pela difusão do relógio de pulso para homens, ocorrido, sobretudo, a partir da Primeira Guerra Mundial.¹³

Pelotas, hoje em dia, é uma cidade de porte médio do interior, marcada por uma rica tradição e a memória dos tempos áureos em que a riqueza conseguida com a fabricação do charque fazia a sua prosperidade. Embora desde aproximadamente 1890 a indústria do charque entrasse em decadência, manteve parte de sua riqueza original, e se desenvolveu, ao longo do século XX, assentada sobre indústrias alimentícias, criação de gado, plantação de arroz e frutas para compotas, constituindo-se, hoje, em um polo universitário e de setor de serviços extremamente variado e sofisticado para o sul do Brasil.¹⁴ Portanto, ainda contempla um mercado para a recuperação, restauro e conserto ou fabricação de peças de objetos ou móveis de luxo e antiquários, atendendo toda a região sul do estado gaúcho.

Mas em 1877, era uma florescente cidade, comportando três “relojoeiros com estabelecimento e consertador” e mais três relojoarias apenas para

¹²Marçal, J. *Os anarquistas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995. Outra visão deste personagem está em <http://antoniovalsalva.blogspot.com.br/2009/10/dr-reynaldo-frederico-geyer.html> Acesso em 04 de março de 2014.

¹³No século XIX, relógios de pulso eram considerados joias e utilizados apenas por mulheres. Foi Santos Dumont quem iniciou seu uso para os homens, com pulseira de couro. Site: <http://www.arelíquia.com.br/artigos%20Anteriores/64relogio.htm>, acesso em 28/06/2013.

¹⁴ Ver Loner, Beatriz e Aquini, Daniel. Verbete Economia. In: Loner, Beatriz; Gill, Lorena e Magalhães, Mario. *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas: EDUFPel, 2011, p. 100-102.

comércio¹⁵, o que era muito pouco para uma cidade que servia de ponto de passagem para várias outras povoações da região sul e necessitava um grande número de artesãos de todos os ofícios para dar conta das encomendas e de uma freguesia que buscava símbolos de prestígio e requinte para suas famílias e casas. Em termos de comparação, a mesma fonte listava 23 “ourives, ouro e prata, fabricante e mercador”. Estes dados evidenciam o gosto dos pelotenses por joias e relógios, o que continuaria nas décadas seguintes.

Em 1890 uma estatística oficial informava a existência de 11 oficinas de relojoeiros e 13 de ourives, depois baixando para apenas quatro oficinas de relojoeiros e 14 de ourivesaria em 1918. Já em 1925 havia oito oficinas de relógios, enquanto o número de ourives havia baixado para apenas seis, uma redução grande e que certamente reflete o lento desgaste econômico da região sul ao final da Primeira República¹⁶.

Pelas estatísticas pode-se conhecer o total dos artistas envolvidos neste ofício, mas apenas os anúncios permitem avaliar a abrangência dos serviços oferecidos no último quartel do século XIX. Segundo propagandas inseridas em *A Federação*, de Porto Alegre, nas duas últimas décadas do século XIX, eram oferecidos os seguintes produtos:

Jeanneret e Krentel

Pelotas e Porto Alegre

Relógios de ouro, prata e níquel recebidos diretamente da fábrica Dr. Girard Perregau de Chaux de Fonds (Suíça), podendo assim afiançar a qualidade e vendê-los a preços baratos. Despertadores franceses e americanos de 6\$000 para cima. Óculos e pince-nez de ouro, prata, níquel e aço, etc. [...] Sendo os donos dessa firma antigos alunos das escolas de relojoaria de Chaux de Fonds e Loch (Suíça) acham-se mais que habilitados para oferecer seus serviços para qualquer conserto de relógio. Porto Alegre, Rua dos Andradas, 413.¹⁷

Aparentemente, era na rua da Praia, como já era chamada a Rua dos Andradas, que estavam situadas muitas destas lojas e oficinas, o que trazia o

¹⁵ Jornal do Comércio, 01/01/1877, ano 8, n.1, p.2. “Relatório dos estabelecimentos industriais e comerciais existentes na cidade de Pelotas”. Biblioteca Pública Pelotense.

¹⁶ Dados retirados de LONER, Beatriz. *Classe operária: mobilização e organização em Pelotas, 1888-1937*. Porto Alegre, IFCH, UFRGS, 1999, Tese (Doutorado em Sociologia). 2º.v., anexo A (tabela de fábricas e oficinas), Tabelas 6, 8 e 10, p. 599 e seguintes.

¹⁷ A Federação, 20/05/1887, n. 113, p. 3. Disponível no site da Biblioteca Nacional. <http://hemerotecadigital.bn.br/> Acesso em 24 de fevereiro de 2014. Todo o jornal A Federação pesquisado para este artigo foi acessado através do site citado anteriormente.

benefício da concentração de estabelecimentos em um mesmo local. O anúncio a seguir, detalha ainda mais outros tipos de produtos à venda: Dionysio G. de Magalhães, estabelecido com relojoaria nessa mesma rua tinha uma variedade de produtos à venda, como “joias de todos os feitios” e “relógios de ouro, prata e níquel de acreditados fabricantes”, correntes de plaqué fino, óculos e pincenez; relógios para cima e de parede, com e sem despertador; despertadores de diversas qualidades; acessórios para relojoeiros “assim como faz-se rodas dentadas para relógios e caixas de música, para isso dispõe-se de boas máquinas. Conserta-se relógios e caixas de música, garantindo-se o trabalho”. Em letras maiores ainda avisavam que seus “preços eram sem competência”, ou seja, não tinham competidores no mercado¹⁸.

Como estes, pode-se pinçar um pequeno número de anúncios de relojoarias ou oficinas de conserto. Uma característica inicial é que eles não se repetiam diariamente, aparecendo, em alguns momentos, para anunciar novidades ou se firmar no mercado e também no período de sua instalação, quando costumavam prometer serviços diferenciados, fosse no preço, fosse na qualidade. A estratégia consistia em tornar o cliente fiel a seu estabelecimento, consolidando seu posto no mercado.

Por isso mesmo, estima-se que uma grande quantidade de lojas, principalmente aquelas pequenas e voltadas apenas para consertos, não devia colocar ‘reclames’, como os anúncios eram chamados na época. Assim, os anúncios colhidos não correspondem ao tamanho do mercado para os serviços oferecidos, seja de vendas ou consertos.

De todo modo, é evidente que ao começar um negócio em uma nova cidade, era importante se apresentar com suas maiores credenciais. Outros, para se instalarem, costumavam exibir credenciais de clientes de outras cidades, como o faz o seguinte artista, ao buscar estabelecer-se em Porto Alegre:

Donato Natella, recentemente estabelecido com relojoaria na cidade de Pelotas, donde trouxe boas apresentações, oferece ao respeitável público desta capital os seus serviços nessa arte, convidando-os a visitar a sua oficina, a rua Marechal Floriano, nº 39 A [...] ¹⁹.

¹⁸ A Federação, de 3 de março de 1884, p. 3.

¹⁹ A Federação, dia 17/06/1901, edição 141, p. 3.

É quase impossível falar do mercado gaúcho daquele período sem citar Leopoldo Masson e seu empreendimento, a casa Masson, como já dito, que passou a ser a relojoaria mais conhecida da capital por várias décadas. Iniciando seu negócio em 1871, com loja na rua General Silva Tavares, esquina com Andradas, aliou a arte da relojoaria com aquela da ourivesaria, fazendo sociedade com Reinaldo Geyer. Faz parte da história da empresa a ideia de que a junção dos dois tipos de negócios, de relógios e de joias foi determinante para propiciar o crescimento da empresa, anteriormente nominada de “A Pêndula Misteriosa” e que ganhou o nome de Casa Masson com a morte de seu fundador, como uma forma de homenageá-lo.

Talvez uma grande parte do sucesso e da lembrança da “marca” de sua empresa, inicialmente, fossem as formas que utilizava para sua promoção. E o nome original, a Pêndula Misteriosa, fazia menção a um imenso mostrador de relógio que parecia trabalhar sem mecanismos internos, pois sua engrenagem era muito pequena e escondida atrás dos ponteiros. Inicialmente, seu prédio foi um dos dois locais da cidade em que havia uma lanterna no alto, a qual se acendia em hora determinada, possibilitando que os porto-alegrenses ajustassem seus relógios diariamente²⁰. As duas formas terminariam, na mente dos porto-alegrenses, por identificar a Masson com hora certa e mecanismos infalíveis. O fato de os fundadores terem origem alemã e a Casa desenvolver, por anos, uma política de recrutamento baseada nesta etnia²¹, auxiliou a difundir a ideia de que estava baseada em disciplina e precisão germânica, importante para consolidar a firma no imaginário porto-alegrense.

O artesanato obsoleto ou o tempo sem conserto

Ao se expor a segunda parte da pesquisa, através basicamente dos instrumentos de história oral, depara-se com outra realidade e que não é apenas o resultado da aplicação de técnicas e métodos diferentes, mas, sim, o efeito de cem anos de inovações tecnológicas e concomitantes transformações sociais.

²⁰ Essa informação sobre a Casa Masson foi retirada de seu site: www.athcsm4.com.br/masson/principal/showMATERIA.asp?var-. Acesso em 24/02/2014. O outro local seria o alto do prédio da Confeitaria Rocco, de fácil visualização na cidade daquele tempo, por ser o prédio mais alto. A hora era fornecida pelo Instituto Astronômico.

²¹ GUILHERME, Regina Zimmermann. *A Casa Masson e sua relação com a transformação capitalista de Porto Alegre (1871-1935)* in: profreginazimmermann.blogspot.com.br, acessado em 20/3/2014.

Em fins do século XX, devido a já comentada revolução tecnológica de meados daquele século, o mundo do trabalho já se apresentava muito diferente da época anteriormente analisada. A fabricação de relógios e demais instrumentos científicos de precisão foi um dos que mais se modificou, trazendo com isso sérias transformações no ofício de relojoeiro, que não foi extinto, mas transformou-se num nicho, com poucos artesãos o praticando, para uma clientela também em constante declínio e agora apenas restrita ao conserto de relógios. Por outro lado, também a sociedade se modificou e a difusão de direitos trabalhistas e previdenciários para a população trabalhadora em geral permitiu maior acesso a bens e direitos como saúde e aposentadoria. Mesmo assim, muitos preferem continuar a trabalhar em suas oficinas.

O método utilizado nesta parte da pesquisa foi da história oral temática, em que a construção das narrativas se efetiva a partir de um roteiro bastante flexível, o qual, nesse caso, abordou prioritariamente a história das experiências. A preocupação foi com a construção de narrativas, por parte de relojoeiros que trabalham há várias décadas na cidade de Pelotas. Explorou-se principalmente a recuperação da rotina de trabalho dos entrevistados e suas percepções das mudanças na profissão. As entrevistas foram gravadas e, partindo do pressuposto de que os gestos e expressões permitem perceber com mais clareza o impacto que determinadas situações causaram ao narrador, utilizou-se a filmagem, buscando trabalhar com a chamada memória dos sentimentos (BRESCIANI e NAXARA, 2004)²².

O primeiro entrevistado, Orli Silveira Bons, nasceu em 27 de dezembro de 1939, em Camaquã, e morou em vários lugares, dentre eles Porto Alegre. Filho de um vendedor e de uma dona de casa, é casado e têm dois filhos, um engenheiro e o outro gerente de vendas, ambos morando na capital do estado.

Orli continua atuando só, em uma oficina com outros artífices, no centro da cidade. Sua clientela é formada por pessoas idosas, com as quais possui uma relação de longos anos, ao consertar seus relógios. Sobre a sua profissão, conta ter aprendido o ofício com o tio, também relojoeiro, aos treze anos de idade, em uma perspectiva que lembra muito a relação do aprendiz com o mestre. No entanto, Orli não conseguiu ensinar o ofício a ninguém, por julgar

²² BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

que não tinha habilidades para isso ou porque, efetivamente, não havia muitos interessados em aprender uma profissão para a qual, segundo ele, há tão poucos clientes.

O narrador revela que antes existiam muito mais relógios mecânicos do que eletrônicos e que alguns anos atrás chegavam a entrar de 20 a 30 relógios para conserto por dia, enquanto hoje recebe apenas 10 mecanismos por semana. Em sua fala:

Antigamente existia muito relógio, hoje não, é muito descartável, né? Hoje tu não conserta mais o teu relógio, vai nos camelôs e compra um. Não é mais ou menos isso? [...] É, vai lá nos camelôs e escolhe um bonito, paga dez pila. Como tu vai pagar 10, 20 ou 30 por um relógio consertado? E é isso que dificulta muita coisa.

Sinalizando o caráter descartável de muitos produtos no mundo da alta modernidade (GIDDENS, 1991)²³, Orli aceita quase com fatalismo essa condição, que sabe irreversível. No mundo atual, na verdade, torna-se muito mais fácil e barato comprar algo novo, do que consertar o que estragou. E, como uma nova aquisição pode ser muito barata, já não representa mais um grande esforço para sua aquisição e, frequentemente, o novo produto não fica por tempo suficiente com seu proprietário para marcar alguma época ou momento da vida.

Como já possui tempo suficiente de aposentadoria, ele se conforma com a situação, preferindo continuar em atividade para atender uma pequena clientela ainda interessada em peças vinculadas a uma tradição familiar e que, por isso, carregam fortes vínculos sentimentais. Dentre os relógios que mais passam por sua oficina, estão os de corda, os quais, dentro de uma família, algumas vezes passam de geração a geração.

Segundo Giddens (2000, p. 54)²⁴, esta situação, apesar de contradizer o fluxo da evolução tecnológica, apresenta uma racionalidade intrínseca:

[...] É inteiramente racional reconhecer que as tradições são necessárias numa sociedade. Não deveríamos aceitar a ideia do Iluminismo de que o mundo deveria se desvencilhar por completo da tradição. As tradições são necessárias, e persistirão sempre, porque dão continuidade e forma à vida.

²³GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

²⁴ GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrolado: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Assim, é possível dizer que muitas tradições permanecem, ainda que evoluam e se transformem pelas necessidades das pessoas. No caso dos relógios, torna-se necessário, então, que alguns profissionais se mantenham no mercado de trabalho para atender essa demanda ainda presente. Neste antigo ofício o problema aparece em três formas: a necessidade diminuiu; não há interessados em aprender uma profissão, cujos rendimentos costumam ser pequenos e não há reconhecimento da sociedade com relação a profissões vistas como ultrapassadas e representativas apenas do passado industrial.

Segundo o narrador, quando começou na atividade:

[...] havia um certo interesse maior para iniciar nesta profissão, que era uma profissão boa, então a turma gostava de iniciar nisto aí. Então tinha muito mais profissionais do que hoje, hoje os que vão saindo não tem composição mais, entende?

O senhor Orli informa que tem dificuldades no que diz respeito ao maquinário para sua prática profissional. Aborda que existe pelo menos um relojoeiro de Pelotas, em atividade faz 30 anos, que buscou especialização, o que lhe proporciona consertar e fabricar relógios, além de vender peças para outros relojoeiros. Muito do que existe na relojoaria especializada foi adaptado pelo próprio profissional, que construiu uma espécie de mini fábrica para atender às suas necessidades.

No caso deste profissional, pode-se dizer, com AUED (1999, p. 49)²⁵ que:

A luta entre o velho e o novo impele os primeiros a serem quebrados, ela encontra arrefecimento quando novos costumes são instituídos. Mas até que isto se efetive, impõe-se uma significativa transição histórica. Para sobreviverem, os personagens sociais reinventam formas artesanais, disseminam práticas próprias de outros tempos históricos, que são expressões de busca de soluções para sobreviverem no sistema de transição.

Todavia, seu Orli não conta com inventividade e vigor necessário para lutar contra esta situação, como o fez seu colega. Para ele, já está tudo praticamente terminado e sua resistência concentra-se apenas em ter algo em que se ocupar. De certa forma, esta também é a posição de muitos outros trabalhadores aposentados, embora de ofícios mais florescentes quando na ativa e assim, muito da posição conformista de seu Orli não reflete tanto os

²⁵ AUED, Bernardete. *Educação para o (des) emprego*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

problemas de sua profissão, mas sim a situação de um trabalhador já antigo e que apenas resiste a se aposentar de vez.

O segundo narrador, senhor Nilton Barcellos Moralles, nasceu em 27 de março de 1936, em Canguçu, Rio Grande do Sul. Chegou a Pelotas com 18 anos, quando se alistou no exército e depois permaneceu na cidade. Seu Nilton é casado, possui dois filhos e nenhum deles se interessou por prosseguir na profissão de relojoeiro.

Nilton iniciou o seu ofício faz 40 anos e sua trajetória lembra a do seu Orli, já que primeiro também foi aprendiz para depois montar o seu negócio, situado à rua Dom Pedro II. O seu aprendizado iniciou em uma das mais importantes relojoarias de Pelotas, a Lévy, situada na rua Quinze de Novembro. Em anúncio do jornal *A Opinião Pública*²⁶ a casa Lévy é descrita como vendendo pedras, joias, relógios, cristais, metais e óculos. Além disso, informava-se que sua matriz seria em Pelotas, mas que possuía filial em Paris.

Nilton trabalhou também com outro relojoeiro, Carlos Pereni, com a finalidade de aperfeiçoar um pouco mais sua técnica. Nesse período, sua profissão era de motorista de caminhão e de ônibus, só se tornando relojoeiro quando se sentiu confiante para exercer a tarefa.

Atualmente seu Nilton arruma relógios de parede, para os quais, segundo ele, sempre existe serviço e também relógios mais caros, como os da marca *Orient*. Para este relojoeiro, um dos motivos pelos quais as pessoas não usam mais relógio de pulso está vinculado à violência. Com os assaltos frequentes, diz ele, a tendência é ver as horas no telefone celular, por exemplo, o qual fica guardado e menos visível.

Seu Nilton não fabrica relógios, nem peças, pois não dispõem de máquinas adequadas a esse serviço. Durante um tempo, diz que um relojoeiro da cidade fazia essas peças, mas agora parou com a atividade.

E agora até mesmo tem um relojoeiro aí que tinha torno, que fazia peças, torneava. Quebrava um eixo, uma engrenagem, ele torneava, ele fazia. Mas agora também ele não trabalha mais. O Arthur Gomes Silva, lá na Conde de Porto Alegre. Esse tinha torno, fazia... auxiliava muito. Esses relógios antigos não têm mais peça, então quando quebra o eixo tem que torner, tem que fazer. E agora esse cara não faz mais, então nós temos que... Todo o mês vai um cara pra São Paulo, um colega nosso, vai pra São Paulo e leva e eles torneiam lá em São Paulo.

²⁶ A Opinião Pública, Pelotas, 13/12/1934, p. 2. Biblioteca Pública Pelotense.

A necessidade de enviar pequenas peças a São Paulo ou de se aguardar que sejam fabricadas lá, faz com que o preço do serviço do relojoeiro seja mais caro, além de mais demorado. Segundo Nilton, no entanto, a marca de sua profissão é a paciência, pois as peças são muito pequenas e delicadas, necessitando um cuidado extremado ao manuseá-las.

Por último, o terceiro narrador, Luís Carlos Wensk, nasceu em 1º de janeiro de 1945, em Pelotas. É casado e têm três filhos: Andréia, a qual trabalhou com ele durante cinco anos, exercendo hoje a função de cabeleireira; Luís, que o ajuda no momento e Maicon, o qual cursa a Faculdade de Fisioterapia. Wensk aprendeu o ofício da mesma maneira que os dois relojoeiros anteriores, já abordados, ou seja, com outro profissional. Seu mestre foi Osmar Bohns. Segundo ele:

Foi um aprendizado até meio na família. Assim, que eu era parente dele e ele me adotou, na época, e me passou essa profissão, que não iria existir mais quem fizesse. E ele acabou passando isso para mim direto.

Por sua vez, Osmar que era descendente de alemães, aprendeu o ofício de relojoeiro com um suíço imigrante que esteve na cidade durante certo período.

Ao contrário dos demais relojoeiros entrevistados, seu Luís é bastante otimista com relação ao futuro da profissão, ao comentar sobre a diferença entre a situação que encontrou quando iniciou e a atual:

É, na época era muito competitivo porque existiam muitos relojoeiros naquela ocasião, foi em 1965, que eu comecei. E existiam muitos relógios mecânicos, então.... nesta parte que foi a minha dedicação total. A parte dos mecânicos... não existia nada eletrônico. Então, aí, claro, a quantidade de serviço era imensa. Sempre valeu a pena isso aí pra relojoeiro. Aí depois entrou o relógio eletrônico e eu achei que ia dar uma queda, eu achei que ia dar uma queda na profissão. Não, pelo contrário, aumentou porque não existia, porque os relojoeiros antigos que conheciam a arte não deram continuação, muitos morreram e outros passaram para outros ramos porque achavam que não ia valer a pena, porque ia entrar o eletrônico que ia acabar com os relojoeiros. Mas, foi o contrário, morreram os relojoeiros que conheciam e eu fiquei como um dos últimos existentes nesta área. E os relógios antigos não pararam, continuam vindo até hoje. E inclusive os eletrônicos entraram, mas continuamos dando

assistência para os eletrônicos iguais. Por que continuam sendo relógios da mesma forma. Nesta parte continuaram sempre e nunca deixou de ser. É uma profissão [...].

Para ele, a continuidade da tarefa ocorreu por levar em conta a necessidade de uma maior especialização, o que fez com que conseguisse entender melhor o funcionamento dos novos modelos. Mesmo os relógios eletrônicos têm uma parte mecânica, segundo o profissional. De outra forma, cita que há relógios caros, custando mais de mil reais, o que faz com que as pessoas continuem procurando consertá-los, quando necessário.

Seu Luís afirma que a sua rotina de trabalho durante esses mais de 40 anos de profissão não se alterou muito. “Permaneceu igual, não mudou nada pra mim, até acumulou mais o serviço, porque de lá pra cá, há quarenta anos, ninguém mais se formou relojoeiro”.

O relojoeiro tem uma rotina diferenciada, já que também restaura a maioria das peças necessárias para a sua atividade e o que não é possível, fabrica. Há a restauração, inclusive, da caixa do relógio antigo: “Madeira antiga toda restaurada, se consegue madeiras antigas de portas e essas construções, se consegue madeiras originais pra fazer a caixa deles pra ter valor, aí fica os relógios antigos de qualidade, senão é porcária”.

Seu Luís tem claro que o seu trabalho é diferenciado, pois não se diz apenas um relojoeiro, mas um conservador. Para que possa manter os relógios tal como foram concebidos, diz usar um conjunto de ferramentas especiais:

Ainda vem... mas se paga muito caro os originais, porque todas são ferramentas importadas. É suíça, francesa, alemã. A maioria da minha “ferramentada” é quase que nem dentista, o “ferramentário” é meio parecido. As peças que o dentista usa, eu também uso, alicatezinhos, pinças, essas coisas todas importadas. Mas isso ficou muito caro, talvez por isso que ninguém conseguiu fazer essa profissão continuar.

O relojoeiro afirma ter 880 clientes cadastrados, sendo que conserva as peças dessas pessoas, as observando de cinco em cinco anos pelo menos, caso não tenham alguma avaria anterior. A maioria dos clientes é de Pelotas, mas há também aqueles de Santa Vitória do Palmar, Bagé, Canguçu e até de Montevideu no Uruguai.

Sua fala refere aquilo que Candau (2011, p. 74)²⁷ revela como sendo uma espécie de ficção unificadora buscada nas narrativas:

[...] o fato de dotar de coerência sua trajetória de vida satisfaz uma preocupação que podemos qualificar como estética: permite ao narrador transformar a seus próprios olhos a narrativa de si próprio em uma 'bela história', quer dizer, uma vida completa, rica em experiências de toda natureza. Nesse sentido, todo aquele que recorda domestica o passado e, sobretudo, dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante da identidade.

Candau (2011, p. 15) em seu mais recente livro, *Memória e Identidade*, se pergunta sobre a função do tempo. Diz o autor que: "O fluxo do tempo [...] ameaça os indivíduos e os grupos em suas existências. Como parar esse tempo devastador 'incoerente, indiferente, impessoal, destruidor', como se livrar da 'ruína universal' com a qual ameaça toda a vida?" As narrativas dos relojoeiros falam sobre as modificações do tempo a partir de suas próprias existências e tentam, de uma maneira ou de outra, impedir a passagem do tempo.

Nos três depoimentos, mas especialmente no de seu Luís, é possível pensar nas palavras, também de Candau (2011, p. 118), ao dizer que: *"Todo grupo profissional valoriza os comportamentos apropriados e reprime os demais a fim de produzir uma memória adequada à reprodução de saberes e fazeres e à manutenção de uma identidade da profissão"*.

Ao evidenciar a forma de construção de um artífice e as dificuldades pelas quais passam atualmente, para manterem sua profissão em atividade em um mundo em que vários objetos, antes sinais de *status*, se tornam cada vez mais descartáveis, suas narrativas são muito ricas. É como se tanto a profissão de relojoeiro como o relógio em si tenham se transformado em coisas do passado, desnecessárias para a sobrevivência humana.

O principal ponto de semelhança entre os depoimentos se expressa na maneira como os relojoeiros iniciaram na atividade. Todos eles foram aprendizes de profissionais gabaritados, os quais ensinaram os procedimentos em troca de obterem um serviço barato durante um longo período. Hoje, segundo afirmam, não é mais possível a figura do aprendiz, pois ficou muito

²⁷ CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.

onerosa a atividade em função das novas legislações trabalhistas. Seu Luís, por exemplo, afirma ter ficado durante 15 anos, próximo ao seu tio Osmar, de modo a aprender tudo o que podia com ele, tendo como recompensa pequenas gorjetas.

O estatuto da extinção da profissão parece mais visível na fala dos dois primeiros narradores, os quais tiveram seus clientes diminuídos, talvez por não conseguirem uma especialização que os levasse a descobrir novas possibilidades de mercado.

A falta de um maquinário adequado impede o conserto de algumas peças, o que não acontece com o terceiro narrador, senhor Luís, o qual não vê uma diminuição do seu serviço ao longo desses mais de 40 anos de atividade, embora perceba uma mudança na sua linha de atuação. Seu Luís afirma que, no início de sua carreira, chegava a arrumar cinco relógios por dia. Hoje, no entanto, o fato de se dedicar à tarefa da conservação, faz com que um relógio de parede compense a tarefa de consertar 10 relógios de pulso, por exemplo. Ainda que seu Luís não expresse um sentimento de preocupação com o futuro de sua atividade, compreende que ele próprio seria uma figura em extinção, pois não é mais comum que um relojoeiro seja primeiro um conservador do que um consertador.

Para ele, se não fosse relojoeiro deveria ter sido um cirurgião, dada a paciência e o cuidado que deve ter no seu cotidiano. Esse fato é comentado também pelo senhor Orli, o qual afirma que se não fosse relojoeiro deveria ter sido médico, porque tem paciência, sabe trabalhar com instrumentos e tem bom trato com as mãos.

Considerações Finais:

Neste artigo, a proposta foi observar dois momentos bem diferenciados da profissão de relojoeiros, uma profissão em extinção, segundo os parâmetros e a tecnologia moderna, ao se comparar o funcionamento e a importância deste ofício em sua fase ainda inicial no mercado brasileiro e atualmente, quando já se encontra em decadência.

Viu-se que, embora tenham profundas diferenças em termos tecnológicos e de mercado, tanto o artesão do presente quanto aquele do

passado, se voltavam mais a consertos e reparação de mecanismos elaborados por outros, seja no exterior, seja no próprio país, do que à fabricação de relógios ou outros instrumentos de precisão. Ou seja, embora normalmente o artesão seja visto como um fabricante, alguém que cria, não foi esta a situação daqueles dedicados à relojoaria no Brasil, contrariamente, por exemplo, aos seus colegas mais próximos e com os quais frequentemente se misturavam, como os ourives e joalheiros, que souberam manter-se e expandir-se no mercado, incorporando novos materiais, técnicas e *designs* diversos em suas criações.

Ao longo do século XX, eles experimentaram, até meados da década de 1950/1960, um período de expansão de suas atividades, mas, desde então, com as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, sua profissão entrou em rápida decadência, e os seus remanescentes são constituídos por antigos profissionais que não mais conseguem fazer com que outras pessoas se interessem por seu ofício.

Fontes Orais:

Orli Silveira Bons, 7 de novembro de 2012, Pelotas (RS). Entrevista realizada por Eduarda Borges da Silva e Jordana Pieper.

Nilton Barcellos Morales, dia 10 de junho de 2010, Pelotas (RS). Entrevista realizada por Lóren Rocha.

Luís Carlos Wensk, no dia 20 de dezembro de 2012, Pelotas (RS). Entrevista realizada por Jordana Pieper.